

O LUGAR DA ARTE NO *CONTINUUM* SEMÂNTICO- ARGUMENTATIVO DA LINGUAGEM

THE PLACE OF ART IN THE SEMANTIC-ARGUMENTATIVE *CONTINUUM* OF LANGUAGE

Lauro Gomes 1

Resumo: Este artigo visa a situar a artisticidade do sentido – marca por excelência da expressão da subjetividade e da ideologia do locutor – no *continuum* semântico-argumentativo da linguagem postulado por Gomes (2020). Para tanto, à luz de princípios e conceitos da Teoria dos Blocos Semânticos, descreve-se a significação de palavras e explica-se o sentido de enunciados e de períodos argumentativos do discurso “Bolsonaro é uma mentalidade” (SILVA, 2018). As noções de aspecto e de encadeamento normativos e transgressivos – a partir de seus tipos argumentativos doxal, paradoxal e contextual – permitem concluir que o conteúdo artístico de enunciados deriva, por um lado, com expressivas intensidade e frequência, dos encadeamentos contextuais e, por outro, com inexpressivas intensidade e frequência, dos encadeamentos estruturais. Enfim, esta pesquisa teórico-aplicada também mostra que, na língua-sistema, a arte, a subjetividade e a ideologia repousam em potencial, à espera de um locutor que as realize no discurso.

Palavras-chave: Semântica. Argumentação. Artisticidade. Discurso. Enunciação.

Abstract: This article aims to situate the artisticity of meaning – the hallmark of the expression of subjectivity and the ideology of the speaker – in the semantic-argumentative continuum of language postulated by Gomes (2020). For that, based on principles and concepts of the Semantic Blocks Theory, the signification of words is described and the meaning of utterances and argumentative periods of opinion article “Bolsonaro é uma mentalidade” (SILVA, 2018) is explained. The concepts of aspect and sequences normative and transgressive – from their doxal, paradoxical and contextual argumentative types – allow us to conclude that the artistic semantics of utterances derives, on the one hand, with expressive intensity and frequency, from contextual sequences and, on the other, with inexpressive intensity and frequency, from the structural sequences. Therefore, this theoretical-applied research also shows that, in the system-language, art, subjectivity and ideology rest in potential, waiting for an speaker to carry them out in the discourse.

Keywords: Semantics. Argumentation. Art. Discourse. Enunciation.

1 Doutor em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS/CNPq), com estágio de doutorado-sanduiche na École des Hautes Études en Sciences Sociales – Paris (PDSE/ CAPES). É professor adjunto da área de Linguística no Instituto de Letras e Artes (ILA) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2244348693402722>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1302-2693>. E-mail: gomeslauro89@gmail.com

Introdução

Este artigo propõe-se a mostrar o lugar da *arte* naquilo que Gomes (2020) denominou *continuum semântico-argumentativo da linguagem*. Isso quer dizer que o tema abordado neste texto e a problemática por ele evocada trazem uma série de questões de pesquisa, as quais envolvem, sobretudo, os campos da Enunciação, da Semântica, da Argumentação, do Texto e do Discurso.

A fim de buscar divulgar parte dos resultados decorrentes da questão semântico-argumentativa norteadora da tese de Gomes (2020), foram evocados princípios e conceitos da Teoria da Argumentação na Língua (ANSCOMBRE; DUCROT, 1983; DUCROT 1990) e da Teoria dos Blocos Semânticos (CAREL, DUCROT, 2005; CAREL, 2011; CAREL, 2017). Não foram examinadas, portanto, as marcas de arte, no sentido de enunciados, decorrentes de fenômenos dos níveis fonológico (aliterações etc.) e morfológico (neologismos etc.), ou de elementos supra-segmentais marcados ou inscritos nos enunciados (prosódia etc.).

Aplicados ao estudo da *significação de palavras e do sentido de enunciados e de períodos argumentativos do discurso “Bolsonaro é uma mentalidade” (SILVA, 2018)*, os conceitos de aspecto e de encadeamento normativos e transgressivos – a partir de seus tipos argumentativos doxal, *paradoxal e contextual* – apontam que o *conteúdo artístico* de enunciados deriva, por um lado, com expressivas intensidade e frequência, dos encadeamentos contextuais e, por outro, com inexpressivas intensidade e frequência, dos encadeamentos estruturais.

Todas as teorias que constituem a Semântica Argumentativa (Argumentação na Língua, Teoria da Polifonia, Teoria dos Topoi, Teoria dos Blocos Semânticos, Teoria Argumentativa da Polifonia etc.) reivindicam que a *enunciação*, isto é, “o acontecimento constituído pelo aparecimento de um enunciado” (DUCROT, 1984, p. 179, tradução nossa) “seja introduzida no interior do enunciado” (DUCROT, 1984, p. 69, tradução nossa). É, portanto, no escopo das questões relativas à enunciação e à argumentação linguística que se inscreve esta pesquisa teórico-aplicada cujos resultados mostram que, na língua-sistema, a *arte*, a *subjetividade* e a *ideologia* repousam em potencial, à espera de um locutor que as realize no discurso.

1 Princípios e conceitos da Teoria dos Blocos Semânticos

1.1 Argumentações estruturais e linguagem ordinária

Antes de explicitar a problemática em torno da aproximação conceitual posta em evidência no título desta subseção, é importante fazer um breve resgate da noção de *argumentação estrutural*, no interior da qual ecoa o que Anscombe e Ducrot chamavam de “argumentação intrínseca”. Diz-se que esta apenas “faz eco” naquela, pois a “argumentação intrínseca” implica um *topos*, cuja noção foi descartada pela Teoria dos Blocos Semânticos (doravante, TBS), visto que traía a tese fundadora da Teoria da Argumentação na Língua (doravante, ANL).

A ANL, mais especificamente durante a fase da Teoria dos Topoi, postulava que um encadeamento argumentativo como (1) *Pedro é rico, portanto pode fazer o que quer* acionava o topos “quanto mais se é rico, mais se tem possibilidades”. Segundo defendia Ducrot (1990), *o fato de a riqueza tornar as coisas possíveis* é algo que faz parte da significação linguística da palavra «rico». Como consequência, o referido topos é associado pela própria língua à palavra «rico» (trata-se, nesse caso, de um «topos intrínseco»).

Marion Carel (2011, p. 114) abandona a terminologia de Anscombe e Ducrot (1983) e postula que um aspecto A é *estruturalmente expresso* por uma entidade linguística E, se E exprime A por sua própria significação linguística. Assim, os aspectos PERIGO DC¹ PRECAUÇÃO, PRUDENTE DC SEGURANÇA, PRUDENTE PT² NEG SEGURANÇA, RESPONSÁVEL DC PRUDENTE e NEG RESPONSÁVEL PT PRUDENTE – para citar alguns exemplos – são estruturalmente expressos por *prudente*. Segundo

1 Recorde-se que DC é abreviatura da palavra francesa *donc* (portanto, em português).

2 Recorde-se que PT é abreviatura da palavra francesa *pourtant* (no entanto, em português).

a TBS-standard, então, o locutor do enunciado *Pedro é prudente* não mobiliza nenhuma crença: ele apenas explora a significação de *prudente* para descrever argumentativamente Pedro. Por essa razão, o aspecto PERIGO DC PRECAUÇÃO não representa a crença de que o perigo conduz a tomar precaução, mas, sim, o grupo verbal intralinguisticamente construído: tomar-precauções-por-causa-do-perigo.

No interior do que se chama “estrutural” ou “linguístico”, a TBS (em todas as suas fases) ainda sustenta que há encadeamentos e aspectos “doxais” – caso, por exemplo, dos aspectos estruturalmente expressos pela palavra *prudente* – e encadeamentos e aspectos “paradoxais”. Estes últimos podem ser exemplificados por meio de encadeamentos e aspectos do tipo de (2) *A tarefa fez Pedro sofrer muito, portanto ele sentiu certo prazer* (SOFRIMENTO DC PRAZER) e (3) *Se Pedro matar João, ele não será condenado* (FALTA DC NEG PUNIÇÃO). Logo, para Carel (2017, p. 15), “doxa e paradoxo são fenômenos interiores à língua”. O paradoxo não é exatamente contrário ao sistema, visto que o próprio léxico registra certos aspectos paradoxais, a exemplo de SOFRIMENTO DC PRAZER, inscrito na significação de *masoquista*. Em vista disso, uma análise lexical, segundo essa perspectiva, nada mais é do que uma análise da significação estrutural.

É preciso salientar, aqui, que o *paradoxo* ao qual a TBS faz referência é o *paradoxo* dito *linguístico*. Ele nada tem a ver, portanto, com a ideia de opinião contrária a uma opinião comum, a partir de crenças exteriores à língua. Trata-se de um fenômeno oriundo, do mesmo modo que a doxa, da interdependência semântica entre dois metapredicados. Contudo, por constituir um sentido inesperado e estranho, o paradoxo pede uma explicação na sequência do discurso. Dessa maneira, note-se que tanto (2) quanto (3) são encadeamentos argumentativos que normalmente deveriam ser continuados por uma conjunção do tipo de “porque”.

Lançando-se essa definição de “argumentação estrutural” proposta pela TBS – quer na forma doxal, quer na forma paradoxal – sobre as maneiras de manifestação linguística, pode-se entender a chamada “linguagem ordinária” como aquela mais próxima da previsibilidade do sistema. Isso não implica dizer que a “linguagem artística” ou “literária” não contenha argumentações estruturais (doxais e paradoxais). Entretanto, sobre essa complexidade, é fundamental considerar, de acordo com Carel (2017, p. 20), que “a estrutura argumentativa da língua é, antes de tudo, uma norma. Árbitro de todos os nossos discursos, é ela que nos leva a julgar como coerentes os discursos doxais e, inversamente, a julgar absurdos ou paradoxais os outros discursos”. Portanto, o que caracteriza a “arte com palavras”, segundo essa perspectiva, é essencialmente a violação da estrutura argumentativa da língua a partir de empregos radicalmente singulares.

1.2 Argumentações contextuais e linguagem artística

Em 1.1, viu-se, por um lado, que a noção de *topos intrínseco* ecoa naquela de “argumentação estrutural”. Aqui, por outro lado, é a noção de *topos extrínseco*, da Teoria dos Topoi, que se pode evocar da base da noção de *argumentação contextual* proposta pela TBS (CAREL; DUCROT, 2005; CAREL, 2011). Faz-se relevante recordar, então, de acordo com Anscombe (1995, p. 49-84), que o encadeamento (1) da subseção anterior acionava o “*topos intrínseco*” a “*rico*”, *quanto mais se é rico, mais se tem possibilidades*. Paralelamente, entendia-se que um encadeamento como (1’) *Pedro é rico, portanto tem muitos amigos* acionava o “*topos extrínseco*” a “*rico*”, *quanto mais se é rico, mais se tem amigos*. O fato de *a riqueza proporcionar amigos* seria contextual, segundo Anscombe (1995), porque a associação do referido *topos* à palavra *rico* estaria diretamente subordinada a crenças atualizadas e compartilhadas socialmente.

Ao abandonar o vocabulário da Teoria dos Topoi, Marion Carel emprega os termos “estrutural” e “contextual”. Conforme a semanticista (2011, p. 114-117), um aspecto A é *contextualmente expresso* por uma expressão E, se a associação de E e de A não é de ordem linguística. Carel interessa-se pelos empregos de expressões cuja associação feita é declarada pelo próprio discurso e, dessa forma, mantém-se fiel à epistemologia *autorreferencial* da Semântica Argumentativa.

A oposição entre argumentação interna (AI) e argumentação externa (AE) é de uma outra ordem. Um aspecto interno, que constitui a AI de uma expressão E, pode ser estrutural ou

contextualmente expresso por E, do mesmo modo que um aspecto que constitui uma argumentação externa dessa expressão E. Um encadeamento como (4) *Faz bom tempo, mas, apesar disso, estou cansado* fornece um exemplo de AE contextual. Conforme Carel (2011, p. 115), o “apesar disso” restringe, no segundo segmento do encadeamento, uma leitura clássica de A *mas* B, e o aspecto argumentativo fundador BOM TEMPO DC NEG CANSADO – expresso por *fazer bom tempo* – é, por esse motivo, contextual em (4).

Da mesma forma que há argumentações externas (AEs) contextuais, também existem argumentações internas (AIs) classificadas como contextuais. É o caso, por exemplo, do enunciado de um anarquista que diz: “Chamo ‘livre’ quem faz o que a sociedade proíbe”. Notadamente, esse enunciado não emprega a significação que a palavra “livre” tem na língua, visto que a AI de “livre”, representada nesse caso pelo aspecto PROIBIDO DC FAZ, depende da situação intradiscursiva para que seja compreendida. Trata-se, pois, de uma AI contextual, segundo a TBS-standard.

Diante disso, nota-se que as “argumentações contextuais” pertencem a uma categoria diferente daquela das “argumentações estruturais” (doxais e paradoxais). Ainda outros exemplos podem ser apresentados para que mais bem se compreenda a sua natureza. Encadeamentos e aspectos como (5) *Meu gato miou, portanto o disco parou* (MIAR DC FAZER PARAR AS MÁQUINAS) e (6) *Pedro comeu um churrasco, portanto ficou contente* (COMER CHURRASCO DC FICAR CONTENTE) constituem, igualmente, exemplos de “argumentações contextuais”. Essas argumentações estão por ser estudadas em detalhes, pois, segundo pontua Carel (2017), enquanto os *encadeamentos doxais* encontram-se definidos e ordenados, os *encadeamentos paradoxais* e *contextuais* ainda se encontram desorganizados.

Não é apenas o “discurso do anarquista” que se serve de “argumentações contextuais”. Encadeamentos argumentativos que transgridem radicalmente a língua evidenciam-se com certa frequência também nos “discursos artísticos”. Isso quer dizer que, do ponto de vista semântico-argumentativo, o discurso artístico pode ser caracterizado como o lugar em que a complexidade combinatória atinge o seu limite e beira, muitas vezes, o *nonsense*. Não é, portanto, apenas uma questão de enunciação que o distingue do “discurso ordinário”. Na base, como bem explica Carel (2017, p. 20), é sempre em referência às regras previstas pela significação argumentativa do léxico que repousam a *liberdade de construção linguística, as imagens de si, a solidez* e também as *qualidades estilísticas do discurso*.

A TBS-atual complexifica o exame dos *encadeamentos* e dos *aspectos contextuais*, uma vez que introduz a noção de *decalagem* – noção que permite revelar a «ideologia» do meio social em que o discurso foi produzido e o «modo de pensar do locutor». Um enunciado como *Pedro é republicano, mas honesto* tinha como aspecto fundador – durante a TBS-standard – REPUBLICANO DC NEG HONESTO, o qual era classificado como um aspecto contextualmente associado a *republicano*. No entanto, justamente com o objetivo de evitar que essa associação fosse um indicador das crenças do locutor e da ideologia de seu grupo social, Carel modificou a análise dos encadeamentos e dos aspectos contextuais.

Atualmente, Marion Carel (CAREL; GOMES, 2019, p. 268) entende que, para compreender o encadeamento *Pedro é republicano, portanto não é honesto*, é preciso encontrar o que pode levar um republicano a não ser honesto. É preciso encontrar uma razão *doxal* à sua desonestidade (por exemplo: “que ele defende seu próprio interesse”). Segundo a autora, esse encadeamento não se origina do aspecto REPUBLICADO DC NEG HONESTO, visto que concretiza o aspecto doxal DEFENDE SEU INTERESSE DC NEG HONESTO. Há, pois, uma *decalagem* reveladora de uma “ideologia”, de um “modo de pensar do locutor” entre o encadeamento e seu aspecto. A ideologia não se encontra, enfim, nos aspectos doxais mobilizados, mas na associação dos encadeamentos e dos aspectos no cenário das palavras.

1.3 Períodos e complexos argumentativos

A tradição gramatical normalmente chama de *frase* a unidade superior à *palavra* e define sua composição a partir de todos os elementos apresentados entre dois pontos. A TBS-atual

entende, entretanto, que “o valor argumentativo de uma palavra pode ir além da frase gramatical que a acolhe e estruturar vários enunciados” (CAREL; GOMES, 2019, p. 265). Assim, com o objetivo de manter a hipótese de que o conteúdo expresso na entidade denominada *frase* está completo, a TBS abandonou os critérios gramaticais e substituiu a noção de *frase gramatical* pela noção que convencionou chamar de *período argumentativo*.

Retomando-se determinados segmentos do início do livro *Claude Gueux*, de Victor Hugo, por exemplo, pode-se perceber que tanto (1) *Num inverno, o trabalho faltou. Nada de fogo nem pão no sótão* quanto (2) *Num inverno, a falta de trabalho acarretou uma falta de fogo e uma falta de pão no sótão* evocam (3) *Num inverno o trabalho faltou, portanto não houve nem fogo nem pão no sótão*. Com isso, os termos do encadeamento (3) que determinam o aspecto NEG-TRABALHO DC NEG-RESULTADO não pertencem à mesma *frase gramatical*, e (1) e (2) constituem, por sua vez, um único *período argumentativo*³.

Fenômeno semelhante pode ser observado no excerto textual (4) *Tu deverias te cuidar de teus julgamentos. Tu tens uma tendência ao sentimentalismo. Até mesmo esse romance estereotipado te faz chorar*, extraído de uma correspondência entre dois jovens franceses, em que a significação da palavra *sentimentalismo* organiza o encadeamento das frases e faz dele um *período argumentativo* completo e organizado. Contido na significação de *sentimentalismo*, o aspecto NEG EMOCIONANTE PT EMOCIONADO, por um lado, é responsável por fazer com que a terceira frase exemplifique a segunda. Por outro lado, o quase-bloco SUJEITO AO SENTIMENTALISMO (JULGA MAL) – igualmente contido na significação de *sentimentalismo* – faz com que a segunda frase explique a primeira.

Os *períodos argumentativos* são, desse modo, “fragmentos de texto” que tanto podem coincidir com as frases gramaticais quanto ultrapassá-las. Ou seja, no interior de um texto/discurso, a função dos *períodos argumentativos* é reagrupar as frases gramaticais que desenvolvem a significação de um mesmo termo. Ademais, segundo elucida Christopulos (2018), em determinados discursos, esses períodos argumentativos podem reagrupar frases espalhadas ao longo de centenas de páginas. Nesses três casos, constituem, igualmente, um único *complexo discursivo* capaz de garantir a coesão semântico-argumentativa do texto.

Esses *complexos discursivos* decorrem do que Carel (2018) chamou de *complexos lexicais*. Estes últimos dizem respeito ao conjunto de aspectos e quase-blocos contidos na significação das palavras. Note-se, para exemplificar, que *corajoso* significa PENOSO PT FAZ e BOM DC FAZ, na medida em que o enunciado (5) *Pedro foi corajoso de tomar a palavra* evoca, ao mesmo tempo, (6) *tomar a palavra era doloroso, no entanto Pedro fez isso* (PENOSO PT FAZ) e (7) *tomar a palavra era algo que deveria ser feito, portanto Pedro fez isso* (BOM DC FAZ). O enunciado (5) comunica, assim, um *complexo argumentativo*.

Conforme pontua Carel (2018), um *complexo discursivo* também pode ser construído, sem referência global a um único *complexo lexical*. Por essa razão, um período como (8) *Quando Maria atendeu o telefone, a campainha tocou* comunica um complexo discursivo que põe em *plano de fundo* o conteúdo da oração subordinada e em *plano da frente* o conteúdo da oração principal⁴. Percebe-se, aqui, que a *significação* de uma palavra forma um todo chamado de “complexo lexical” e que o *sentido* de um entrelaçamento de palavras forma um todo chamado de “complexo discursivo”. Esse último tipo de “complexo” tanto pode originar-se a partir de um complexo lexical quanto da própria cadeia coesiva do texto.

Já os *períodos argumentativos* são segmentos de tamanho intermediário que, de acordo com Carel (2018), encontram-se entre as *cláusulas* de Berrendonner (*o povo do sul / às vezes é difícil de compreender* forma duas cláusulas) e as *cenais* de Charolles (cf. 8). No excerto textual apresentado a seguir, vai-se perceber que tais “períodos argumentativos” distinguem-se das *cenais*, na medida em que estas últimas se iniciam por certas expressões, denominadas “introdutores de cena”, como advérbios e locuções adverbiais:

3 As normas de segmentação de um texto em períodos argumentativos vêm sendo desenvolvidas por M. Carel. Atualmente, conforme seminário *L'interprétation dans la langue* - 2021-2022, tais regras encontram-se muito mais precisas. No entanto, os critérios para segmentação do corpus em períodos argumentativos seguiram, neste artigo, princípios desenvolvidos por M. Carel em 2018-2019 e também contaram com decisões teórico-analíticas do próprio autor naquele momento.

4 Para mais detalhes a respeito desse tipo de análise, consultar Frenay e Carel (2019).

(8) (C1) (P1) **Quando saímos da floresta**, encontramos grandes aglomerados de dedaleira; ela fez um buquê enorme, dizendo para mim: “É para a tia; ela está tão feliz de ter essas belas flores em seu quarto!” (P2) Tínhamos apenas um curto pedaço de planície a atravessar para vencer Othys. O campanário do vilarejo apontava para as encostas azuladas que iam de Montméliant a Dammartin. O rio Thève agitava novamente entre arenitos e pedras, diminuindo na proximidade de sua nascente, onde repousa nos prados, formando um pequeno lago no meio das palmas e dos lírios. (C2) **Logo** ganhamos as primeiras casas. (NERVAL, Sylvie; tradução nossa)⁵.

Nesse caso, a primeira cena (C1) é constituída por dois períodos argumentativos: (P1) e (P2). Além disso, verifica-se que os *introdutores de cena* (“Quando saímos da floresta” e “Logo”) marcam uma mudança de *cena* e, conseqüentemente, uma mudança de período argumentativo. Em última análise, como afirma Carel (2018), a própria divisão de um texto em períodos argumentativos – e poder-se-ia acrescentar: também a sua divisão em *cenas* – é um fato de interpretação.

2 Metodologia e análise

A análise aqui apresentada busca atender a delimitação do tema e os objetivos deste artigo. Por isso, as descrições e explicações linguístico-discursivas realizadas nesta seção estão de acordo com o método que rege a TBS-atual, principalmente. A seguir, leia-se o discurso selecionado como *corpus*:

Discurso *Bolsonaro é uma mentalidade*, de Juremir Machado da Silva⁶

P1	<p>Bolsonaro é uma mentalidade</p> <p>É preciso insistir. A verdade cala aos poucos. Não, Jair Bolsonaro não é um candidato como outro qualquer. É pior. <u>Ele é um imaginário, uma mentalidade, uma visão de mundo obscurantista. Uma maneira de ver as coisas em preto e branco que salta do mundo das ideias para uma triste realidade manipulada.</u> O seu método de leitura do que acontece na vida é a simplificação brutal. Torna o complexo falsamente simples por meio de uma redução a zero dos fatores que adensam qualquer situação. Se há violência contra os cidadãos, que cada um receba armas para se defender. Se há impunidade, que a justiça seja sumária e sem muitos recursos. Se há bandidos nas ruas, que a polícia possa matá-los sem que as condições de cada morte sejam examinadas. Se há corrupção, que não se perca tempos (sic) com processos. Se a democracia admite a dissonância, que se adote a ordem impositiva.</p>
P2	<p><u>Bolsonaro encarna o pensamento do homem “mediocre”, o homem mediano que não assimila explicações baseadas em causas múltiplas.</u> Se há miséria, a culpa é da preguiça dos miseráveis. Se há crime, a culpa é sempre da má índole. Se há manifestações de rua, é por falta de ordem e de regras rígidas que impeçam de atrapalhar o trânsito.</p>

⁵ “(S1) (P1) **Au sortir du bois**, nous rencontrâmes de grandes touffes de digitales pourrée ; elle en fit un énorme bouquet en me disant : ‘C’est pour ma tante ; elle sera si heureuse d’avoir ces belles fleurs dans sa chambre’. (P2) Nous n’avions plus qu’un bout de plaine à traverser pour gagner Othys. Le clocher du village pointait sur les coteaux bleuâtres qui vont de Montméliant à Dammartin. La Thève bruissait de nouveau parmi les grès et les cailloux, s’amincissant au voisinage de sa source, où elle se repose dans les prés, formant un petit lac au milieu des glaïeuls et des iris. (S2) **Bientôt** nous gagnâmes les premières maisons”. (NERVAL, Sylvie. In: CAREL, M. Langue de bois et poésie. 2018-2019. L’organisation textuelle. 1/3).

⁶ Note-se que o discurso em foco foi dividido em períodos argumentativos, os quais, em geral, não correspondem a um parágrafo. Dessa forma, a paragrafação original deste discurso 3 pode ser observada no início dos períodos que contêm uma entrada de um espaço.

P3	<p>A sua filosofia por excelência é o preconceito em tom de indignação moral, moralista. A sua solução ideal para os conflitos é a repressão, a cadeia, o cassete. <u>Bolsonaro corporifica o imaginário do macho branco autoritário que odeia o politicamente correto e denuncia uma suposta dominação do mundo pelos homossexuais.</u> É o cara que, com pretensa convicção amparada em evidências jamais demonstradas, diz:</p> <ul style="list-style-type: none"> – Não se pode mais ser homem neste país. Vão nos obrigar ser gays. – Os comunistas estão batendo na porta. Precisamos resistir. – A ordem natural está em perigo.
P4	<p>Ele representa a ideia de que ficamos menos livres quando não podemos fazer tranquilamente piadas sobre negros, gays e mulheres. <u>Bolsonaro tem a cara de todos aqueles que consideram índios indolentes, dormindo sobre latifúndios improdutivos, e beneficiários do bolsa família preguiçosos que só querem mamar nas tetas do Estado.</u> Bolsonaro é o sujeito desinformado que sustenta que na ditadura não havia corrupção, ignorando que os casos se acumulavam encobertos pela censura. É o empresário ambicioso e inescrupuloso que se for para ganhar mais e mais dinheiro abre mão da democracia, elogia a ditadura de Pinochet e ignora direitos. É o produtor que vê exagero em certas denúncias de trabalho escravo. É o homem que acha normal, em momentos de estresse, chamar mulher de vagabunda. O eleitor padrão de Bolsonaro sonha com uma sociedade de homens armados nas ruas, sem legislação trabalhista, sem greves, sem sindicatos, sem liberdade de imprensa.</p>
P5	<p><u>O projeto de Bolsonaro é o retorno a um regime de força por meio de voto.</u> Aparelhamento da democracia para fins autoritários.</p>
P6	<p><u>Na parede do imaginário e de certas propagandas de Bolsonaro e dos seus fiéis aparecem ditadores.</u></p>
P7	<p><u>O seu paraíso é da paz dos cemitérios e das prisões para os dissidentes.</u></p>
P8	<p>Um imaginário é uma representação que se torna realidade. Uma realidade que se torna representação. <u>Bolsonaro é um modo de ser no mundo baseado na truculência, na restrição de liberdade, na eliminação da complexidade, no encurtamento dos processos de tomada de decisões, na divisão social entre os destinados aos grandes voos e os limitados à condição de meros coadjuvantes.</u></p>
P9	<p><u>Bolsonaro usa a democracia para asfixiá-la.</u></p> <p>É um efeito perverso do jogo democrático. Condensa uma interpretação do mundo que não suporta a diversidade, o respeito à diferença, a pluralidade, o dissenso, o conflito, o embate, a solidariedade como valor maior. Inculto, ignora a história. Não há dívida com os escravizados e seus descendentes. A culpa pela infâmia da escravidão não é de quem escravizou. O presente exime-se do passado. <u>Bolsonaro é a ignorância que perdeu a vergonha e exhibe-se em praça pública.</u> Em momentos graves, a ninguém é permitida a omissão. Direita republicana e esquerda uniram-se na França contra a extrema-direita de Marine Le Pen.</p>
P10	<p>Mulheres lançaram a hashtag #EleNão contra Bolsonaro. Por quê?</p> <p>Aos fatos: quem chama mulher de vagabunda, é machista. Quem diz que prefere a morte de um filho a saber que ele é gay, é homofóbico. Quem fala de peso de negros em arruabas, é racista. Quem diz que nada entende de economia não pode postular a presidência de um país. É ignorante. Quem defende que índio tem de evoluir e adotar costumes dos outros, os nossos, dos brancos civilizados, comete etnocentrismo. Quem defende que uma ditadura como a chilena deveria ter matado mais, achando três mil assassinatos pouco, é um monstro. Quem já pregou o fuzilamento de adversários políticos, como o de Fernando Henrique Cardoso, e o fechamento do Congresso Nacional, não é um democrata.</p>

P11	<p>Quem defende tortura e execução sumária de criminosos, não acredita em Estado de Direito. Prefere a lei do mais forte. Coloca a vingança acima do Direito. Legitima a barbárie. É um perigo para a democracia. Quem afirma que o erro da ditadura brasileira foi não ter matado mais, é psicopata. Quem sente saudade de ditador e dos momentos mais repressivos de um regime hediondo de exceção, é perverso. Quem tem torturador notório como herói, não é Brillhante em coisa alguma. Quem aceita que mulher pode ganhar menos pelo mesmo trabalho feito por homem, é misógino. Quem diz que não estupraria uma mulher por ela ser feia, derrapa duas vezes: admite e compreende hipoteticamente estupro de mulher bonita; revela-se grosso, vulgar, rasteiro e estúpido.</p>
P12	<p><u>O bolsonarismo é um pesadelo que tenta se apresentar como sonho de retorno ao paraíso perdido da ordem, do progresso, da segurança e da paz.</u> Não se trata de uma utopia, mas de uma flagrante distopia. Contra o abismo só há um procedimento eficaz: o voto. Se necessário, o voto útil.</p> <p><i>Postado em 20 de setembro de 2018 por Juremir Machado da Silva, publicado em: https://www.correiodopovo.com.br/blogs/juremirmachado/bolsonaro-%C3%A9-uma-mentalidade-1.315952</i></p>

Desenvolvido nos padrões composicionais de um artigo de opinião, esse discurso foi publicado no jornal *Correio do Povo* RS de 08 de setembro de 2018. Trata-se de um discurso criado durante o período de campanha eleitoral em 2018, no Brasil, para defender a tese de que Jair Bolsonaro – candidato à Presidência da República na época – representa uma realidade manipulada. Dentre as estratégias utilizadas discursivamente pelo locutor para buscar provar que Bolsonaro não apresenta as condições mínimas para ocupar o referido cargo, encontram-se desde exemplos e alusões históricas até recursos de natureza essencialmente linguística. Como se busca investigar o sentido argumentativo dos “enunciados vistos como artísticos”, apenas os fenômenos linguísticos aí utilizados de maneira expressiva na construção de um sentido global interessam a esta análise.

A seguir, apresentam-se os enunciados que põem problema à pesquisa. Os demais somente são apresentados ou mencionados quando auxiliam na elucidação daqueles enunciados que constituem o *corpus* da presente pesquisa. Veja-se:

Período argumentativo 1

Bolsonaro é uma mentalidade

Ele é um imaginário, uma mentalidade, uma visão de mundo obscurantista. Uma maneira de ver as coisas em preto e branco que salta do mundo das ideias para uma triste realidade manipulada.

O título *Bolsonaro é uma mentalidade* é objeto desta análise, pois revela uma maneira artística de o locutor se investir no conteúdo. Para explicitar o sentido do enunciado que o constitui (por meio de um encadeamento argumentativo) e a significação da frase que permite a sua realização (por meio de aspecto[s] argumentativo[s]), faz-se necessário considerar a sequência de todo o discurso.

Os enunciados marcados por uma expressiva elaboração artística do locutor – postos em evidência no primeiro período argumentativo (P1) – estão notadamente a serviço da explicitação do sentido do título. Nesse caso, o termo singularizante “Bolsonaro” relaciona-se, argumentativamente, por meio do verbo “ser”, aos termos caracterizantes “imaginário”, “mentalidade”, “obscurantista”, “preto e branco” e “realidade manipulada”. Esses termos enumerados em sequência são *fundadores*

dos encadeamentos (1), (2), (3) e (4):

(1) *ser um imaginário, portanto manipular a realidade*

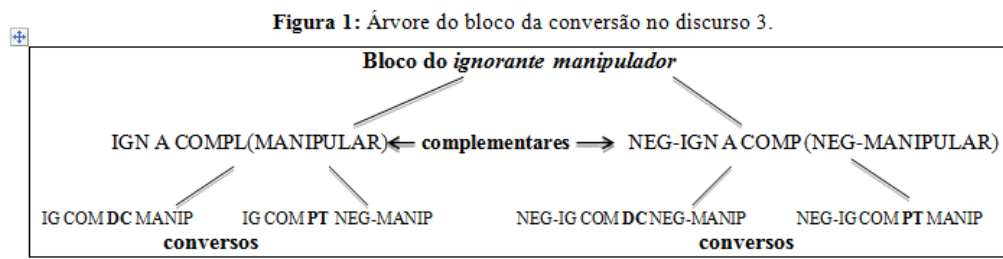
(2) *ser uma mentalidade, portanto manipular a realidade*

(3) *ser uma visão obscurantista, portanto manipular a realidade*

(4) *ser uma maneira de ver em preto e branco, portanto manipular a realidade,*

compreendidos como concretizando um mesmo *aspecto decalado* do tipo de IGNORAR A COMPLEXIDADE DC MANIPULAR.

O bloco semântico do *ignorante manipulador*, em que se encontra esse aspecto, constitui-se a partir dos quase-blocos IGNORAR A COMPLEXIDADE (MANIPULAR) e NEG IGNORAR A COMPLEXIDADE (NEG MANIPULAR):



Fonte: Figura elaborada pelo autor.

A elaboração artística pelo locutor originou-se, aqui, da seleção do verbo “ser” em lugar de “ter”. Num uso ordinário, seria comum que se construíssem estruturas do tipo de “X tem uma mentalidade Y”, “X tem uma visão obscurantista”, “X tem uma maneira de ver as coisas em preto e branco”. Por mais que fosse possível caracterizar enunciados construídos nessas estruturas como artísticos em algum nível, nenhum se assemelharia à “artisticidade semântica” desses enunciados com o verbo “ser”, visto que os referidos *termos caracterizantes* tornam-se estranhos na cadeia sintagmática em que se encontram.

Um ponto importante dessa análise a ser destacado, aqui, é o de que os *encadeamentos* mantêm a *artisticidade semântica* dos *enunciados* e o *aspecto* a desfaz – por meio de uma *decalagem* –, para representar a própria significação linguística. Caso estivesse em análise a maneira ordinária de enunciação, como é possível averiguar nos enunciados (5), (6), (7) e (8):

(5) *Bolsonaro tem um imaginário X.*

(6) *Bolsonaro tem uma mentalidade Y.*

(7) *Bolsonaro tem uma visão de mundo obscurantista.*

(8) *Bolsonaro tem uma maneira de ver em preto e branco,*

outros sentidos seriam postos em questão. Logo, outras paráfrases deveriam ser feitas na forma de encadeamentos, para que esses sentidos fossem representados:

(5') *ter um imaginário X, portanto manipular a realidade*

(6') *ter uma mentalidade Y, portanto manipular a realidade*

(7') *ter uma visão de mundo obscurantista, portanto manipular a realidade*

(8') *ter uma maneira de ver em preto e branco, portanto manipular a realidade,*

compreendidos como concretizando o mesmo *aspecto*, a saber: IGNORAR A COMPLEXIDADE DC MANIPULAR. Nesse caso, porém, o aspecto concretizaria os encadeamentos argumentativos *sem decalagem*.

Pode-se constatar, pela leitura do primeiro período argumentativo, que todos os enunciados anteriores e posteriores àqueles enunciados aqui analisados funcionam como exemplos ou, em termos teóricos, são construídos de maneira a desenvolver a significação das frases que permitem a sua concretização. Ao buscar a presença de *artisticidade* no segundo período argumentativo, encontra-se apenas um enunciado complexo – cujos valores semânticos são examinados aqui, sobretudo em virtude do emprego relativamente particular do verbo “encarnar”:

Período argumentativo 2

Bolsonaro encarna o pensamento do homem “mediocre”, o homem mediano que não assimila explicações baseadas em causas múltiplas.

O sentido desse enunciado pode ser representado pelo encadeamento (9) *encarnar o pensamento do homem “mediocre”, portanto não assimilar explicações baseadas em causas múltiplas*, que concretiza o aspecto decalado REPRESENTAR PENSAMENTO MEDIANO DC IGNORAR A COMPLEXIDADE. Embora a decalagem aí existente não seja tão expressiva quanto a que ocorre no primeiro período – podendo-se notar o desaparecimento do verbo “encarnar” no interior do aspecto –, nota-se a existência de um primeiro nível de artisticidade no “continuum” semântico-argumentativo da linguagem. Trata-se, nesse caso, de um acréscimo da ideia de “pensamento mediano” que, ao conectar-se por meio do verbo “encarnar”, produz, no Período 2, um efeito artístico associado ao léxico do discurso inteiro.

Período argumentativo 3

(F1) A sua filosofia por excelência é o preconceito em tom de indignação moral, moralista. (F2) A sua solução ideal para os conflitos é a repressão, a cadeia, o cassetete. (F3) Bolsonaro corporifica o imaginário do macho branco autoritário que odeia o politicamente correto e denuncia uma suposta dominação do mundo pelos homossexuais.

As primeiras duas frases gramaticais desse terceiro período argumentativo – (F1) e (F2) – assemelham-se, por um lado, às do Período argumentativo 1 em termos semânticos e estruturais. O sentido dos enunciados que as constituem pode ser representado por um único encadeamento, a saber: (10) *servir-se de filosofia moralista, portanto ter a repressão física como solução ideal*, que concretiza o aspecto decalado NEG FILOSOFIA DE LIBERDADE DC SOLUÇÕES BRUTAIS. Por outro lado, o sentido do enunciado que concretiza a terceira frase gramatical – (F3) – assemelha-se ao do Período argumentativo 2, especialmente em razão do emprego do verbo “corporificar”. Tal sentido pode ser representado pelas seguintes paráfrases argumentativas: (11) *corporificar um imaginário autoritário, portanto odiar o que é politicamente correto* e (12) *corporificar um imaginário autoritário, portanto combater a libertação dos homossexuais*, os quais concretizam o mesmo aspecto decalado ASSUMIR IDEOLOGIA DITATORIAL DC IMPEDIR EVOLUÇÕES SOCIAIS.

Período argumentativo 4

Bolsonaro tem a cara de todos aqueles que consideram índios indolentes, dormindo sobre latifúndios improdutivos, e beneficiários do bolsa família preguiçosos que só querem mamar nas tetas do Estado.

Diferentemente do Período argumentativo 1, o termo singularizante “Bolsonaro” conecta-se – nesse Período 4 – ao termo caracterizante “ter”, não mais a “ser”, caracterizante produtor da artisticidade semântica em 1. Apesar dessa substituição lexical, a inscrição artística do locutor permanece, na produção semântica de 4, em virtude dos termos que sucedem o caracterizante “ter”. Desse modo, o sentido desse Período 4 pode ser representado pelos encadeamentos

implicitamente evocados (13) *ter a cara de elite reacionária, portanto considerar índios indolentes* e (14) *ter a cara de elite reacionária, portanto considerar preguiçosos os beneficiários do bolsa família*, os quais concretizam o aspecto decalado PERTENCER À EXTREMA DIREITA DC DESCONSIDERAR AS MINORIAS.

Período argumentativo 5

O projeto de Bolsonaro é o retorno a um regime de força por meio de voto.

O sentido desse enunciado – responsável por um primeiro nível de elaboração artística pelo locutor no Período argumentativo 5 – pode ser representado pelo encadeamento argumentativo implicitamente evocado (15) *projeto ditatorial, no entanto forçá-lo democraticamente ao poder*, o qual concretiza o aspecto *decalado* PROJETO ANTI-DEMOCRÁTICO PT FORÇÁ-LO AO PODER DEMOCRATICAMENTE. O nível de decalagem aí existente não é uma evidência, visto que atinge somente o primeiro segmento, em que “projeto ditatorial” realiza a significação de “projeto antidemocrático”.

Período argumentativo 6

Na parede do imaginário e de certas propagandas de Bolsonaro e dos seus fiéis aparecem ditadores.

Dois encadeamentos argumentativos devem ser implicitamente evocados a partir desse Período 6, a fim de que o sentido do enunciado que o constitui seja representado com clareza, a saber: (16) *parede do imaginário, no entanto valorização de ditadores*, que concretiza o aspecto decalado LUGAR DE LIBERDADE MÁXIMA PT PRESENÇA DE CENSURA, e (17) *propaganda da extrema direita, portanto valorização de ditadores*, que concretiza o aspecto decalado REGIME DE EXTREMA DIREITA DC VALORIZAÇÃO DITATORIAL. Note-se que a artisticidade do sentido argumentativo representado por (16) demonstra originar-se justamente na relação argumentativa transgressiva.

Cumprido salientar que, nesta pesquisa, não interessa discutir se, por exemplo, esses sentidos construídos em 6 são metafóricos ou se também podem ser classificados como outro uso figurativo – segundo os critérios estabelecidos pelos estudos retóricos –, inclusive porque o que se busca mostrar, aqui, é simplesmente a função semântico-argumentativa desse tipo de fenômeno, em vista de uma produção artística no discurso. O que essa análise demonstra é que, para fazer a passagem do nível abstrato da língua (*palavra* → *frase* → *aspecto* → *significação*) ao nível concreto do discurso (*enunciado* → *encadeamento* → *sentido*), o locutor se serve de diferentes recursos disponíveis na própria natureza da linguagem.

Período argumentativo 7

O seu paraíso é da paz dos cemitérios e das prisões para os dissidentes.

A artisticidade semântica presente, nesse Período 7, manifesta-se em nível bastante preliminar, a ponto de poder ser compreendida como produto do uso ordinário da linguagem. No entanto, o sentido do enunciado que a revela pode ser representado pelo encadeamento implicitamente evocado (18) *matar ou prender os dissidentes, portanto estabelecer a paz*, o qual

concretiza o aspecto *decalado* EXTERMÍNIO DE DIFERENÇAS DC ESTABELECIMENTO DE PAZ. Observe-se que o termo “paraíso” termina por ser interpretado, nos níveis teóricos do encadeamento e do aspecto, por “estabelecimento de paz”.

Período argumentativo 8

Bolsonaro é um modo de ser no mundo baseado na truculência, na restrição de liberdade, na eliminação da complexidade, no encurtamento dos processos de tomada de decisões, na divisão social entre os destinados aos grandes voos e os limitados à condição de meros coadjuvantes.

Os enunciados desse Período 8 retomam a mesma maneira de produzir artisticidade de que o locutor se serve nos enunciados do Período 1. O uso de “ser” – termo que tanto em 1 quanto em 8 guarda a sua significação nas paráfrases argumentativas – demonstra ser o principal responsável pela produção artística do sentido. É curioso que, no Período argumentativo em foco, quatro encadeamentos são evocados explicitamente, a saber:

- (19) *basear-se na truculência, portanto “modo de ser” no mundo*
- (20) *basear-se na restrição da liberdade, portanto “modo de ser” no mundo*
- (21) *basear-se na eliminação da complexidade, portanto “modo de ser” no mundo*
- (22) *encurtar os processos de tomada de decisão, portanto “modo de ser” no mundo*
- (23) *dividir a sociedade em ricos e pobres, portanto “modo de ser” no mundo*

Esses quatro encadeamentos concretizam o mesmo aspecto *decalado* DEFENDER PRINCÍPIOS DE EXTREMA DIREITA DC SER DITADOR. Logo, a artisticidade revelada nesse Período argumentativo 8 deixa suas marcas no encadeamento e desaparece no aspecto.

Período argumentativo 9

Bolsonaro usa a democracia para asfixiá-la. [...] Bolsonaro é a ignorância que perdeu a vergonha e exhibe-se em praça pública.

O sentido desses enunciados do Período 9 podem ser representados pelos encadeamentos implicitamente evocados (24) *servir-se da democracia, no entanto evitar a participação do povo* – que concretiza o aspecto *decalado* SERVIR-SE DA DEMOCRACIA PT NEG SER DEMOCRATA – e (25) *ser a ignorância em pessoa, no entanto exhibir-se, sem vergonha, em praça pública*, que concretiza o aspecto *decalado* SER IGNORANTE PT EXIBIR-SE ORGULHOSAMENTE. Por um lado, a artisticidade do primeiro enunciado – eliminada ainda em nível de encadeamento – decorre da relação dos termos “democracia” e “asfixiar”, cujo fenômeno configura-se como o que se verificou no emprego de “paraíso”, no Período 7. Por outro lado, a artisticidade oriunda do emprego de “ser”, no segundo enunciado, é mantida no nível teórico do encadeamento, do mesmo modo que em P1 e P8, por exemplo.

Período argumentativo 12

O bolsonarismo é um pesadelo que tenta se apresentar como sonho de retorno ao paraíso perdido da ordem, do progresso, da segurança e da paz.

O Período argumentativo 12, que encerra o discurso em análise, também apresenta enunciados artisticamente constituídos pelo locutor. O sentido desse enunciado em foco pode ser parafraseado pelo encadeamento *implicitamente* evocado (26) *ser um pesadelo em política, no entanto apresentar-se como solução para todos os males*, o qual concretiza o aspecto *decalado* SER PÉSSIMA POLÍTICA PT CONSIDERAR-SE POLÍTICA EXCELENTE. O verbo “ser” é aí mantido nos níveis teóricos; e, como a sua significação é guardada também no aspecto, esse verbo é classificado como um termo constitutivo.

É possível perceber que, paradigmaticamente, “pesadelo” foi um termo escolhido em lugar de “sonho”. No entanto, a TBS não examina a constituição semântica por esse ponto de vista, a começar pelo fato de essa teoria ser uma semântica sintagmática. Suas ferramentas de análise permitem explicitar apenas a significação de “pesadelo” por meio do *aspecto decalado*, no interior do qual “pesadelo” aparece como algo que quer dizer “péssimo”.

O percurso metodológico adotado na análise desse discurso 3 permitiu mostrar o lugar da *artisticidade semântica* dos enunciados e o apagamento desse fenômeno linguístico-discursivo no nível abstrato da língua. Viu-se que os empregos de termos entendidos como estranhos ou, em todo caso, responsáveis pela produção artística foram destruídos pela necessária decalagem dos encadeamentos em relação aos aspectos argumentativos. A intervenção do linguista nesse processo ficou também muito evidente e corroborou a tese ducrotiana (DUCROT, 1991) segundo a qual a *interpretação* é um instrumento necessário de acesso ao verdadeiro objeto do semanticista, a saber: a *significação* das palavras e das frases.

3 Resultados

3.1 A artisticidade semântico-argumentativa do corpus

Ao longo das análises, pôde-se verificar que aquilo que se convencionou chamar de *artisticidade semântico-argumentativa*⁷ aparece marcada – do menos (-) artístico para o mais (+) artístico – respectivamente, nos *aspectos*, nos *encadeamentos* e nos *enunciados*. Por mais que os aspectos contextuais guardem, em si, certo *estranhamento produtor de uma semântica artística*, as nuances específicas daquilo que é geralmente tratado como “estilo revelador da maneira artística de manifestação linguística” são apagadas no *aspecto argumentativo*. Disso se pode concluir que a *artisticidade semântico-argumentativa* diminui à medida que o nível de *abstração metalinguística* aumenta.

Observando-se os aspectos contextuais do discurso analisado, é possível perceber certo grau de *artisticidade semântico-argumentativa*. Trata-se, em realidade, do *grau de estranhamento* necessário para que esses aspectos sejam classificados como “contextuais”. São exemplos disso os seguintes aspectos contextuais: PERTENCER À EXTREMA DIREITA DC DESCONSIDERAR MINORIAS e IGNORAR A COMPLEXIDADE DC MANIPULAR. Evidencia-se, aqui, uma das funções da arte com palavras: criar situações completamente novas e estranhas à própria língua-sistema.

Assim, um *discurso artístico escrito, em geral, é aquele que, dentre outras particularidades semântico-argumentativas, apresenta encadeamentos e aspectos contextuais*. A completude dessa definição dar-se-á, contudo, em estudos futuros, visto que também deverá levar em conta o fundamento do “continuum semântico-argumentativo da linguagem”, até mesmo para prever os discursos artísticos que contêm apenas encadeamentos e aspectos estruturais.

Um novo questionamento que se põe é o de saber se os discursos que revelam a banalidade linguística por excelência, como o discurso da *previsão do tempo*, o discurso jornalístico da página policial, o discurso dos *manuals de instruções*, dentre outros, não apresentam encadeamentos e aspectos argumentativos contextuais. É consensual em Linguística que a *regularidade* está na língua. Já o discurso – principalmente o artístico – é o lugar da *singularidade*, da invenção, da surpresa. Apesar disso, entretanto, para que um discurso seja reconhecido como x ou y, ele também não

7 Por *artisticidade semântico-argumentativa* deve-se entender o investimento enunciativo do locutor no conteúdo comunicado, cuja inscrição subjetiva distancia a *significação* e/ou o *sentido* da estrutura argumentativa da língua.

pode extrapolar os limites semânticos da língua, sob pena de não ser compreendido.

O fenômeno da “artisticidade semântico-argumentativa” – deve-se ressaltar – não incide apenas sobre o discurso literário. Buscou-se deixar claro, neste estudo, que ele também pode estar presente no discurso jornalístico, por exemplo, cujos objetivos gerais são, grosso modo, informar e/ou discutir sobre a realidade. É evidente, todavia, que a Literatura – até mesmo pelas suas peculiaridades relativas à produção ficcional – termina por guardar as maneiras mais artísticas de expressão linguística possíveis do *continuum semântico-argumentativo da linguagem*.

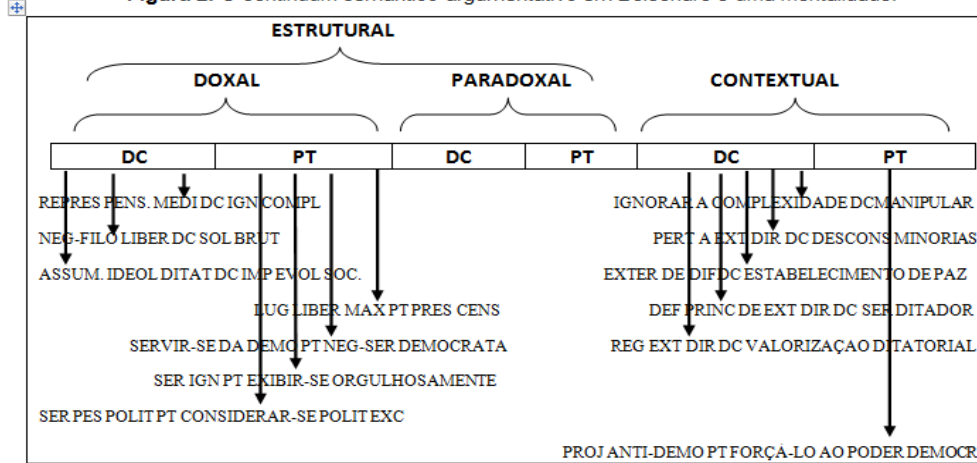
Todos os esquemas fundadores dos enunciados artisticamente elaborados neste discurso sofreram a incidência da *decalagem*. Disso se pode concluir que a *decalagem* foi um fenômeno que integrou a interpretação dos enunciados e dos encadeamentos “artisticamente elaborados”. Isso porque é pela *interpretação* dos enunciados e dos encadeamentos – de acordo com Gomes e Christophulos (2019) – que o linguista semantista encontra e inventa a língua-sistema.

3.2 O *continuum* semântico-argumentativo da linguagem

O fundamento do *continuum semântico-argumentativo da linguagem* que ora se apresenta não prevê nenhuma separação, cisão ou linha divisória entre o *estrutural* e o *contextual*. Embora a *artisticidade semântico-argumentativa* esteja mais presente nos aspectos contextuais, não se pode desconsiderar a possibilidade de produção artística entre os encadeamentos e aspectos estruturais. Ainda que isto possa parecer uma banalidade, deve-se considerar que, em essência, a *identidade da linguagem ordinária* somente é possível de ser percebida pelo falante/ouvinte, quando em *relação de diferença* com a *linguagem artística* e vice-versa.

A seguir – a partir de critérios semântico-argumentativos de ordem *estrutural*, a *doxalidade* e a *paradoxalidade*, e do critério *contextual* – explicita-se um esquema que representa o *continuum semântico-argumentativo do discurso* analisado. Em seguida, formula-se um esquema representativo do *continuum semântico-argumentativo da linguagem* subjacente a todo e qualquer discurso:

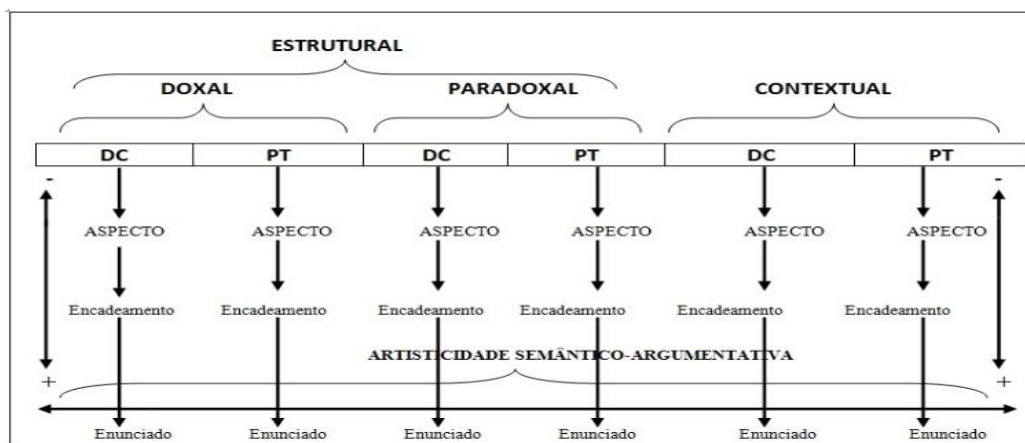
Figura 2: O *continuum* semântico-argumentativo em *Bolsonaro é uma mentalidade*.



Fonte: Figura elaborada pelo autor.

Uma curiosidade nesse discurso – e o *continuum* semântico-argumentativo permite que isto fique claro – é o equilíbrio existente entre aspectos estruturais e contextuais. Dentre os sete aspectos estruturais, três são doxais normativos e quatro são doxais transgressivos. Já dentre os seis aspectos contextuais, cinco são normativos e apenas um é transgressivo. Além disso, esse número de seis aspectos contextuais é bastante significativo, revelando principalmente a maneira como o locutor construiu o conteúdo argumentativo e como, por conseguinte, inscreveu sua “ideologia”, seu “modo de pensar” no discurso. Confira-se a fórmula do *continuum*:

Figura 3: Fórmula do *continuum* semântico-argumentativo da linguagem.



Fonte: Figura elaborada pelo autor.

Como atesta o esquema acima, a fórmula do *continuum semântico-argumentativo da linguagem* explicita não apenas os critérios *estrutural* (*doxal* e *paradoxal*) e *contextual* – aplicáveis sobre os aspectos e os encadeamentos normativos (em DC → *portanto*) e transgressivos (em PT → *no entanto*) –, mas também sustenta que o *enunciado* é o lugar em que a *artisticidade semântico-argumentativa* atinge seu ponto mais alto. Desse modo, as setas verticais indicam que a *artisticidade semântico-argumentativa* aumenta do *aspecto* em direção ao *enunciado* e diminui do *enunciado* em direção ao *aspecto*. É, pois, importante salientar que a seta da *artisticidade semântico-argumentativa* sobre o eixo sintagmático – no nível do *enunciado* – é aberta para frente e para trás (↔) devido à recursividade e aos operadores responsáveis pela infinidade das *frases complexas*.

A postulação desse *continuum* abre portas para estudos futuros. Desde a tese de Gomes (2020), novas perguntas estão sendo feitas. Muito do que os estudos estilísticos, em especial, fizeram em termos de pesquisa descritivo-explicativa sobre os “modos de produzir sentido na língua/linguagem” estão ainda por serem pensados sob o olhar da Semântica Argumentativa. O percurso de elaboração desse *continuum* também permitiu chegar a um problema caro à *análise do discurso* (AD)⁸, qual seja: o da expressão discursiva da *ideologia* do locutor.

Foi possível verificar com clareza o lugar da *ideologia*⁹ na descrição semântico-argumentativa. Tal componente da linguagem ficou marcado, de modo mais acentuado, naqueles encadeamentos sobre os quais incidiu a *decalagem*. Isso significa que a *ideologia* não está diretamente relacionada ao caráter contextual dos encadeamentos e dos aspectos. Em outros termos, poder-se-ia dizer que ela se faz muito mais presente naqueles enunciados e encadeamentos construídos de “modo indireto ou eufemístico” (cf. os termos retóricos).

É importante recordar que os *aspectos* não refletem crenças, porque uma crença, segundo Carel (2018-2019, EHESS), liga duas ideias. No entanto, conforme se pôde observar ao longo das seções teóricas, é impossível isolar duas ideias no interior de um aspecto, visto que os segmentos A e B não fazem mais do que definir uma única ideia ou, em termos teóricos, um único bloco semântico. Por isso, não há razão para se perguntar se os *aspectos* estão, ou não, em conformidade com as crenças sociais: eles estão, ou não, de acordo com a língua, com a significação das palavras e são, ou não, linguisticamente doxais.

A hipótese que se mantém é a de que os aspectos fundadores de entidades linguísticas em

⁸ Aqui, faz-se referência à análise do discurso introduzida em 1969, na França, a partir da publicação do número 13 da revista *langages*, bem como, por sua vez, da publicação do livro *Análise automática do discurso*, por M. Pêcheux, e de *Arqueologia do saber*, por M. Foucault.

⁹ O emprego do termo “ideologia”, nesta pesquisa, está de acordo com a definição de Vogt (2015, p. 130, grifos do autor): “O termo ideologia será aqui entendido como designando tanto o sistema de ideias-representações sociais (ideologias no sentido restrito) como os sistemas de atitudes e comportamentos sociais (os costumes) e não necessariamente como sinônimo de ‘má consciência’ ou ‘mentira piedosa’ [...]”.

“discursos não artísticos” revelam-se, em geral, como estruturais (doxais). Até mesmo um enunciado como o exemplo de Lakoff – *João é republicado, mas honesto* – tem como aspecto doxal fundador DEFENDE SEU INTERESSE DC NEG HONESTO (CAREL; GOMES, 2019, p. 223). Por isso, um enunciado como esse de Lakoff não contém nenhum grau de artisticidade semântico-argumentativa. Trata-se de um enunciado banal do “discurso ordinário”, em que apenas o modo de pensar do locutor – sua “ideologia” – encontra-se marcado, notadamente pela decalagem que há do encadeamento até o aspecto.

Pode-se dizer que a presença por excelência da expressão da ideologia na linguagem está, visivelmente – de acordo com Carel (CAREL; GOMES, 2019) –, no discurso artístico. Em capítulo de livro intitulado *O sentido argumentativo estrutural versus contextual: análise de ocorrências de velho e idoso em discursos*, Graeff (2014, p. 98) também pontua que “fenômenos ditos eufemismos”, que atingem entidades linguísticas, não significam que a língua imponha uma ideologia, mas que dá ao locutor certa liberdade ideológica. Essa percepção de Graeff (2014) está de acordo com o postulado de Ducrot (1990) sobre a relação entre *língua e ideologia*:

Não quero dizer, e esta será minha conclusão final, que a língua impõe uma ideologia, me parece, ao contrário, que ela nos deixa certa liberdade ideológica. Penso que a língua é feita para uma sociedade que contém uma ideologia e que se adapta a essa ideologia, funciona graças a ela. A língua necessita da ideologia. (DUCROT, 1990, p. 151, tradução nossa).

Logo, quanto mais artísticos forem os encadeamentos argumentativos discurso, mais carregados da ideologia do locutor tendem a ser as “entidades”. A maneira artística de manifestação linguística revela-se responsável pela própria *expansão semântica da língua*. Tal fundamento permite até mesmo elucidar a hipótese de Delas (2005, p. 58) segundo a qual “a literatura, tomada no sentido amplo como conjunto dos discursos culturais que leem e constituem uma sociedade como tal, é o lugar do sentido por excelência”.

Conclusão

Nesta investigação, partiu-se da constatação de que fenômenos característicos dos discursos artísticos – caso das *figuras* ou *tropos* – necessitavam de uma explicação semântico-argumentativa. A partir daí, buscou-se criar um percurso teórico-metodológico capaz de descrever e explicar a *significação de palavras* e o *sentido de enunciados* e de *períodos argumentativos* que contém significativa inscrição artística do locutor. Por fim, revelar o potencial da *significação* para a criação de *sentidos* “estruturais” e “contextuais”, além de sistematizar e postular um “continuum semântico-argumentativo da linguagem”, também foi objetivo de Gomes (2020).

Acredita-se que, a partir desta pesquisa, novos horizontes de estudos em Semântica Argumentativa se abrem, principalmente no Brasil. Para citar alguns exemplos, novos estudos poderão ser desenvolvidos com os seguintes propósitos: (1) melhor aplicar e precisar a definição de “discurso artístico escrito”, com base no *continuum semântico-argumentativo da linguagem*; (2) examinar a natureza semântico-argumentativa dos discursos que revelam a linguagem ordinária por excelência, como o discurso da *previsão do tempo*, o discurso da página policial, o discurso dos *manuals de instruções* etc.; (3) reclassificar os empregos “metafóricos” e “eufemísticos” (cf. a terminologia da retórica clássica), com base na TBS-atual; (4) descrever e explicar o estatuto semântico-argumentativo dos discursos artísticos por excelência, a exemplo das poesias de Camões e de Louise Labé.

Basicamente, quatro contribuições gerais à Semântica Argumentativa foram dadas por este trabalho, visto que foi possível precisar, por exemplo:

(1) o lugar da necessária *interpretação* que o linguista faz dos enunciados e dos encadeamentos para a criação da língua-sistema, por meio da *decalagem*;

(2) pôde-se verificar, na linguagem, a existência de um mecanismo por intermédio do qual o *ordinário* e o *artístico* se encontram e se distinguem o tempo todo, do ponto de vista semântico-argumentativo: o que se convencionou chamar de *continuum semântico-argumentativo da linguagem*;

(3) não apenas se identificou que o *enunciado* é o «autêntico meio» da *artisticidade semântico-argumentativa*, isto é, o lugar em que o artístico realiza-se de forma mais acentuada, mas também que o *aspecto argumentativo* é o lugar da incidência mínima da arte, devido ao seu grau de extrema abstração metalinguística;

(4) também foi possível explicitar o(s) lugar(es) por excelência da expressão da *ideologia*, ou seja, do *modo de pensar do locutor* no discurso verbal escrito.

Como decorrência desse percurso teórico, a metodologia empregada na análise serviu-se tanto de noções e conceitos da ANL quanto – e principalmente – da TBS-standard e da TBS-atual. Em vista disso, pode-se dizer que, a partir da singularidade do discurso, nasceu um percurso metodológico fundamentado no método analítico da Semântica Argumentativa. Nesse sentido, esta investigação não adere ao fechamento de seus resultados como verdades absolutas. Tem-se clareza de que suas conclusões são explicações provisórias e estão abertas ao diálogo com novos olhares, com novos exemplos, com novos desafios desvelados pela misteriosa maneira artística de manifestação da linguagem verbal humana.

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq - bolsa de doutorado no país) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 - bolsa de doutorado sanduíche (PDSE/CAPES - 2018/2019).

Referências

ANSCOMBRE, Jean-Claude; DUCROT, Oswald. L'Argumentation dans la Langue. **Langages**, 42, juin, 1976, 5-27.

ANSCOMBRE, Jean-Claude. La nature des topoï. In: ANSCOMBRE, Jean-Claude et al. **Théorie des topoï**. Édition Kimé, Paris, 1995, p. 49-83.

CAREL, Marion. **L'entrelacement argumentatif**. Lexique, discours et blocs sémantiques. Paris: Éditions Honoré Champion, 2011.

CAREL, Marion. Introduction. In: CAREL, Marion. (Org.). **Argumentation et polyphonie**: de Saint Augustin à Robbe-Grillet. Paris: L'Harmattan, 2012. p. 7-58.

CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. **La semántica argumentativa**: una introducción a la teoría de los bloques semánticos. Edición: María Marta Negroni e Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Colihue, 2005.

CAREL, Marion. Significação e argumentação. Tradução: Cristiane Dall'Cortivo Lebler. Revisão da tradução: Leci Borges Barbisan. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 42, n. 73, jan. 2017.

CAREL, Marion. A Semântica Argumentativa de nossos dias: questões ligadas às noções de língua, discurso, sentido e enunciação, entrevista com Lauro Gomes publicada em português e em francês em **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 44, n.80, ago. 2019.

CHRISTOPULOS, Giorgio. « Au delà de l'isotopie », SHS Web of Conferences, vol 46, article n°06004, **6^{ème} Congrès Mondial de Linguistique Française**, 2018.

DELAS, Daniel. Saussure, Benveniste et la littérature. **Langages**. Revue trimestrielle 159, septembre, p. 56-73, 2005.

DUCROT, Oswald. Les indéfinis et l'énonciation. **Langages**, n.17, 1970, p. 91-111.

DUCROT, Oswald. **Le dire et le dit**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1984.

DUCROT, Oswald. **Polifonía y Argumentación**. Conferencias del Seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso. Trad.: Ana Beatriz Campo y Emma Rodríguez C. Cali: Universidad del Valle, 1990.

DUCROT, Oswald. Présentation de la Théorie des Blocs Sémantiques. **Verbum**, Publié par les Presses Universitaires de Nancy, XXXVIII, nº 1-2, 53-65, 2016.

DUCROT, Oswald; BIGLARI, Amir. **Os riscos do discurso**: encontros com Oswald Ducrot. Tradução: Leci Borges Barbisan e Lauro Gomes. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

GOMES, Lauro; CHRISTOPULOS, Giorgio. Ler Pessoa. Dois estudos semânticos em torno de sua obra poética, publicado em português e em francês em **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 44, n. 80, ago. 2019.

GOMES, Lauro. **Discurso artístico e argumentação**. Prefácio de Marion Carel. 1.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

GRAEFF, Telisa Furlantetto. O sentido argumentativo estrutural versus contextual: análise de ocorrências de velho e idoso em discurso. In: OLIVEIRA, Esther Gomes de; SILVA, Suzete (Orgs.) **Semântica e Estilística**: Dimensões atuais do significado e do estilo. Homenagem a Nilce Santana Martins. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Escritos de Linguística Geral**. Organizado por Simon Bouquet e Rudolf Engler. Tradução: Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVA, Juremir Machado da. Bolsonaro é uma mentalidade. **Correio do povo**. Porto Alegre, 20 set. 2018. Seção entretenimento. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/blogs/juremirmachado/bolsonaro-%C3%A9-uma-mentalidade-1.315952> . Acesso em: 20 jan. 2021.

Recebido em: 15 de fevereiro de 2022.

Aceito em: 25 de fevereiro de 2022.